


**A ESTÉTICA DA CURA: BIOMEDICINA, PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS E A  
PRODUÇÃO DE CORPOS IDEALIZADOS**

**THE AESTHETICS OF HEALING: BIOMEDICINE, AESTHETIC PROCEDURES, AND  
THE PRODUCTION OF IDEALIZED BODIES**

**LA ESTÉTICA DE LA CURACIÓN: BIOMEDICINA, PROCEDIMIENTOS ESTÉTICOS Y  
LA PRODUCCIÓN DE CUERPOS IDEALIZADOS**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-017>

**Data de submissão:** 01/07/2025

**Data de publicação:** 01/08/2025

**Eduardo Soares dos Santos**

Especialista

E-mail: edusoares21@gmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo investiga a interface entre biomedicina e estética, analisando como os discursos médicos contemporâneos legitimam práticas voltadas à produção de corpos idealizados. A crescente medicalização da aparência e a popularização dos procedimentos estéticos revelam a emergência de uma “estética da cura”, na qual saúde e beleza se sobrepõem em nome de uma suposta normalidade corporal. Com base em revisão bibliográfica e fundamentos da sociologia da saúde, o estudo examina os impactos éticos, culturais e simbólicos dessa nova racionalidade biomédica sobre os corpos e subjetividades na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Biomedicina. Procedimentos Estéticos. Corpo Idealizado. Medicalização. Estética.

**ABSTRACT**

This article investigates the interface between biomedicine and aesthetics, analyzing how contemporary medical discourses legitimize practices aimed at producing idealized bodies. The growing medicalization of appearance and the popularization of aesthetic procedures reveal the emergence of an “aesthetic of healing,” where health and beauty overlap under the guise of bodily normality. Based on bibliographic review and the sociology of health, the study examines the ethical, cultural, and symbolic impacts of this new biomedical rationality on bodies and subjectivities in contemporary society.

**Keywords:** Biomedicine. Aesthetic Procedures. Idealized Body. Medicalization. Aesthetics.

**RESUMEN**

Este artículo investiga la intersección entre la biomedicina y la estética, analizando cómo los discursos médicos contemporáneos legitiman prácticas orientadas a la producción de cuerpos idealizados. La creciente medicalización de la apariencia y la popularización de los procedimientos estéticos revelan la emergencia de una “estética de la cura”, en la que salud y belleza se superponen en nombre de una supuesta normalidad corporal. Basado en revisión bibliográfica y fundamentos de la sociología de la salud, el estudio examina los impactos éticos, culturales y simbólicos de esta nueva racionalidad biomédica sobre los cuerpos y subjetividades en la contemporaneidad.

**Palabras clave:** Biomedicina. Procedimientos Estéticos. Cuerpo Idealizado. Medicalización. Estética.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os limites entre saúde, estética e bem-estar tornaram-se cada vez mais difusos. Procedimentos antes restritos ao campo estritamente terapêutico, como cirurgias e intervenções médicas, passaram a ser amplamente utilizados com fins estéticos, sem que necessariamente estejam vinculados a quadros patológicos. Tal fenômeno sinaliza uma transformação nas práticas e discursos biomédicos, em que a normalização da aparência se torna uma extensão da noção de cura.

A ascensão da biomedicina como principal referência de autoridade sobre o corpo contribuiu para legitimar essas intervenções sob o manto da ciência, da prevenção e da melhoria da qualidade de vida. Assim, técnicas como preenchimentos faciais, harmonização orofacial, lipoaspiração, cirurgias plásticas e terapias hormonais passam a ser apresentadas como soluções não apenas para imperfeições físicas, mas para aspectos emocionais, psicológicos e até sociais.

Nesse contexto, emerge o que se pode chamar de uma "estética da cura": um modelo em que o corpo idealizado é tratado como um corpo saudável, e a intervenção estética assume a função de restaurar ou aperfeiçoar aquilo que foi naturalizado como desvio. Tal perspectiva reforça padrões de beleza, alimenta a insatisfação corporal e impõe às subjetividades modernas uma lógica de constante correção e melhoramento.

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente esse fenômeno, com base em revisão bibliográfica e nos aportes da sociologia da saúde e da biopolítica. A pesquisa parte do pressuposto de que os discursos médicos contemporâneos participam da construção de uma normatividade estética que impacta diretamente as formas de viver, perceber e intervir nos corpos na atualidade.

## 2 A BIOMEDICINA E A EXPANSÃO DA LÓGICA TERAPÊUTICA

A biomedicina, enquanto matriz dominante no campo da saúde contemporânea, consolidou-se historicamente como um saber-poder centrado no diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças. Entretanto, nas últimas décadas, sua influência ultrapassou as fronteiras do adoecimento, estendendo-se ao campo da aparência, do bem-estar subjetivo e da modulação do corpo. O que se observa é a transição de um modelo de cura para um modelo de aperfeiçoamento contínuo do corpo, marcado pela lógica da intervenção permanente.

### 2.1 DA CURA DE DOENÇAS À MODULAÇÃO DA APARÊNCIA

Inicialmente voltada para o tratamento de patologias, a biomedicina passou a oferecer soluções para aspectos não necessariamente clínicos, mas percebidos como insuficiências estéticas ou

desconformidades com os padrões hegemônicos de beleza. O desenvolvimento tecnológico, aliado à crescente valorização do corpo como capital social, abriu espaço para que as técnicas biomédicas fossem utilizadas com fins corretivos e aperfeiçoados — como o uso de toxina botulínica para rugas, cirurgias plásticas em indivíduos saudáveis, ou implantes e hormônios para modulação da imagem corporal.

Esse deslocamento não apenas amplia o campo de atuação dos profissionais da saúde, como também redefine os critérios de intervenção: o “problema” a ser resolvido já não é necessariamente uma enfermidade, mas a distância entre o corpo real e o corpo idealizado culturalmente. A intervenção médica passa a ser justificada não pelo risco biológico, mas pela promessa de bem-estar, autoestima e aceitação social.

## 2.2 MEDICALIZAÇÃO DA VIDA E NORMALIZAÇÃO DO CORPO

O conceito de *medicalização da vida*, desenvolvido por autores como Illich (1975) e Foucault (1979), é central para compreender esse fenômeno. A medicalização refere-se à ampliação do escopo da medicina sobre aspectos da existência antes considerados naturais, morais ou sociais, transformando-os em questões clínicas passíveis de diagnóstico e tratamento.

Nesse sentido, o corpo torna-se objeto de vigilância, gestão e intervenção constante. A biomedicina não apenas trata doenças, mas define o que é “normal” ou “aceitável” em termos de aparência, peso, envelhecimento, sexualidade e desempenho físico. Ao patologizar o envelhecimento, a gordura ou a flacidez, por exemplo, contribui para criar uma demanda permanente por correção, manutenção e rejuvenescimento.

Essa racionalidade terapêutica contínua naturaliza o uso de intervenções invasivas como parte do “cuidado com a saúde” e reforça um modelo de subjetividade baseado na performance corporal, na autoestima condicionada à imagem e no controle individual sobre o próprio corpo como projeto.

## 3 PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS E A NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS

Os procedimentos estéticos ocupam, na atualidade, um espaço central na construção social dos corpos. Mais do que simples intervenções voltadas à aparência, eles atuam como instrumentos de normalização, ajustando corpos reais a ideais produzidos por discursos midiáticos, científicos e econômicos. Nesse processo, a medicina estética funciona como um dispositivo biopolítico de regulação da subjetividade e da corporalidade, promovendo a adesão voluntária a padrões hegemônicos de beleza.

### 3.1 IDEAIS DE BELEZA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA NORMALIDADE

O conceito de beleza, longe de ser neutro ou universal, é historicamente construído e culturalmente condicionado. Na sociedade contemporânea, marcada pela lógica neoliberal e pelo culto à performance, os corpos belos são geralmente aqueles jovens, magros, tonificados, brancos e heteronormativos. Esses atributos passam a ser tratados não apenas como desejáveis, mas como sinônimos de saúde, sucesso e autocuidado.

Nesse contexto, os procedimentos estéticos — como lipoaspiração, preenchimentos, cirurgias plásticas, peelings, lasers e terapias hormonais — tornam-se meios legítimos para alcançar esse padrão. Ao invés de serem percebidos como exceções ou vaidades, são promovidos como atitudes responsáveis de autocontrole e melhoria pessoal. A medicina estética, nesse sentido, não apenas responde a demandas sociais, mas contribui para a construção do ideal que busca atender.

### 3.2 A ESTÉTICA COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE SOCIAL

Michel Foucault (1975) aponta que, nas sociedades modernas, o poder não atua apenas pela repressão, mas pelo controle dos corpos e pela produção de normas. A estética médica se insere nesse modelo como um dos instrumentos sutis de disciplinamento, ao promover a autorregulação corporal como prática desejável, moralmente valorizada e simbolicamente premiada.

Ao mesmo tempo, há um deslocamento da responsabilidade estética para o indivíduo. Envelhecer, ganhar peso ou apresentar traços “fora do padrão” passam a ser encarados como falhas pessoais, passíveis de correção médica. Essa responsabilização individualiza a estética e oculta os determinantes sociais, econômicos e raciais que moldam as possibilidades reais de acesso e adequação aos padrões impostos.

O corpo, assim, deixa de ser apenas biológico e passa a ser um projeto: algo a ser constantemente ajustado, gerenciado e exibido. Os procedimentos estéticos tornam-se ferramentas de pertencimento, distinção social e afirmação identitária, mesmo ao custo de riscos à saúde, dores e endividamentos.

## 4 O CORPO IDEALIZADO COMO PROJETO DE SI

Na sociedade contemporânea, marcada pela lógica neoliberal e pela valorização do desempenho individual, o corpo não é apenas uma realidade biológica, mas um verdadeiro projeto pessoal. Ele representa um espaço simbólico onde se expressam valores como disciplina, autocontrole, produtividade e sucesso. Nesse cenário, o corpo idealizado passa a ser tratado como uma extensão da identidade — algo a ser construído, mantido e constantemente aperfeiçoado.

#### 4.1 A PERFORMANCE CORPORAL NA SOCIEDADE NEOLIBERAL

O neoliberalismo não apenas redefine a economia, mas também reconfigura as subjetividades. Sob sua lógica, cada indivíduo é visto como um “empreendedor de si mesmo”, responsável por gerenciar sua saúde, aparência e bem-estar como se fossem ativos em um mercado de valores simbólicos. O corpo, nesse contexto, converte-se em capital: corporal, social, sexual e estético.

Ser magro, jovem, atlético, bonito e performático não é mais um privilégio de poucos, mas uma expectativa moral amplamente disseminada. A estética corporal torna-se critério de inclusão ou exclusão em diversos espaços sociais — do mercado de trabalho aos relacionamentos afetivos. E mais: o investimento em procedimentos estéticos e práticas corporais é frequentemente visto como sinônimo de autoestima, empoderamento e amor-próprio, ainda que movido por pressões sociais veladas.

A performance corporal, assim, adquire status de virtude. A capacidade de modelar o próprio corpo segundo os ideais vigentes é interpretada como sinal de força de vontade, competência e responsabilidade pessoal, mesmo quando isso exige sacrifícios físicos, financeiros e emocionais.

#### 4.2 ESTÉTICA, AUTOESTIMA E CAPITAL SIMBÓLICO

A construção do corpo idealizado está diretamente ligada à autoestima, mas não de forma autônoma ou espontânea. Ela se dá dentro de uma cultura que associa valor pessoal à aparência e que constantemente impõe padrões inalcançáveis como metas normativas. A autoestima, nesse sentido, torna-se dependente da aprovação social, mediada por redes sociais, mídia e discursos médicos.

Pierre Bourdieu (1983) nos ajuda a compreender esse processo por meio do conceito de capital simbólico: atributos reconhecidos socialmente como legítimos e valorizados. O corpo, ao ser moldado segundo os padrões dominantes, transforma-se em portador de prestígio e reconhecimento. Procedimentos estéticos, nesse contexto, funcionam como estratégias de acumulação de capital simbólico — especialmente entre mulheres, que historicamente foram mais cobradas quanto à conformidade estética.

Contudo, essa valorização é seletiva. Corpos não-brancos, gordos, com deficiência ou fora da cisheteronormatividade continuam a sofrer marginalização, mesmo que submetidos a procedimentos estéticos. A estética da cura, portanto, não democratiza a beleza; ao contrário, reforça hierarquias e exclui corpos que não podem ou não desejam se moldar à norma.

### 5 IMPLICAÇÕES ÉTICAS E CULTURAIS DA ESTETIZAÇÃO DA BIOMEDICINA

A intersecção entre biomedicina e estética levanta questões éticas profundas e complexas. Quando práticas originalmente terapêuticas passam a ser direcionadas à modulação da aparência e ao

alcance de padrões corporais normativos, é fundamental refletir sobre os limites dessa intervenção e suas consequências sociais. A estetização da biomedicina, ao mesmo tempo que promove inclusão simbólica por meio da adesão à aparência ideal, também gera exclusões, pressões e riscos à saúde física e mental.

### 5.1 RISCOS, DESIGUALDADES E EXPECTATIVAS IRREAIS

Apesar de sua crescente popularização, os procedimentos estéticos não são isentos de riscos. Muitos envolvem anestesia, cortes, uso de substâncias invasivas ou manipulação hormonal, com potencial para efeitos colaterais, complicações médicas e sequelas permanentes. Além disso, há crescente preocupação com a banalização desses procedimentos e a proliferação de clínicas e profissionais sem qualificação adequada, o que aumenta o número de erros e mortes evitáveis.

Outro ponto central diz respeito às desigualdades sociais no acesso à estética biomédica. Os procedimentos mais sofisticados e seguros continuam restritos a uma elite econômica, enquanto versões mais acessíveis frequentemente são realizadas em condições precárias, sem o mesmo nível de controle e acompanhamento. Assim, a estética médica, longe de democratizar a beleza, pode acentuar ainda mais as disparidades já existentes.

Ademais, a constante exposição a imagens de corpos modificados nas redes sociais e na mídia cria expectativas irreais sobre o que é um corpo normal. Essa pressão estética alimenta um ciclo de insatisfação crônica, no qual cada intervenção gera novas demandas, novos incômodos e novos procedimentos. O corpo ideal nunca é plenamente alcançado, apenas simulado de forma transitória.

### 5.2 SAÚDE, IDENTIDADE E AUTONOMIA

Embora os procedimentos estéticos sejam frequentemente justificados com base na autonomia individual, isto é, no direito de cada pessoa decidir sobre seu próprio corpo, é necessário problematizar o contexto em que tais decisões são tomadas. A autonomia, nesse caso, não é neutra. Ela é moldada por padrões culturais, pressões simbólicas e mecanismos de mercado que influenciam desejos, percepções e escolhas.

Além disso, a associação entre aparência e saúde pode gerar confusões perigosas. Ao tratar corpos fora do padrão como doentes ou incompletos, corre-se o risco de patologizar identidades e experiências legítimas. Isso é especialmente grave no caso de adolescentes, pessoas com transtornos alimentares ou inseguranças profundas, que podem buscar intervenções médicas para lidar com questões subjetivas que exigem escuta e acolhimento, e não bisturi ou agulhas.

Do ponto de vista cultural, a estetização biomédica também reforça modelos de corpo homogêneos, esvaziando a diversidade corporal como valor. A pluralidade de formas, cores, texturas, idades e vivências tende a ser substituída por um ideal técnico, moldado pelo que é possível padronizar, vender e replicar.

Portanto, pensar a estética da cura exige ir além da liberdade de escolha individual. É preciso analisar os dispositivos sociais, simbólicos e institucionais que condicionam essas escolhas e problematizar os efeitos sociais da transformação do corpo em objeto de performance médica.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A crescente integração entre biomedicina e estética tem reconfigurado as fronteiras entre saúde, bem-estar e aparência, produzindo uma nova racionalidade em torno do corpo: a estética da cura. Nesse modelo, procedimentos médicos são cada vez mais utilizados para atender a expectativas estéticas construídas social e culturalmente, muitas vezes apresentadas como cuidados com a saúde ou investimentos na autoestima.

A análise realizada ao longo deste artigo permitiu compreender que essa estética biomédica não se limita a uma tendência de consumo, mas expressa uma lógica biopolítica de normalização dos corpos. A medicina, ao atuar sobre imperfeições estéticas, contribui para reforçar padrões de beleza hegemônicos e exercer controle simbólico sobre os sujeitos, transformando o corpo em objeto de performance, gestão e capital.

Embora frequentemente justificados pela autonomia individual, os procedimentos estéticos se desenvolvem em um contexto marcado por pressões sociais, desigualdades de acesso e riscos à saúde. A busca pelo corpo idealizado, legitimada por discursos médicos e por imagens midiáticas, pode comprometer o reconhecimento da diversidade corporal e alimentar ciclos de insatisfação, intervenções sucessivas e vulnerabilidade subjetiva.

É necessário, portanto, refletir criticamente sobre os limites éticos, culturais e políticos dessa medicalização da aparência. A promoção da saúde deve estar ancorada no respeito à pluralidade dos corpos e na valorização da singularidade humana, e não na padronização estética imposta por lógicas de mercado e visões normativas de normalidade.

A construção de alternativas mais inclusivas e críticas passa pela escuta das experiências corporais diversas, pelo fortalecimento da educação em saúde com enfoque não normativo, e pelo questionamento das estruturas que vinculam valor pessoal à conformidade estética. A verdadeira cura, nesse sentido, talvez esteja mais ligada à aceitação do corpo real do que à sua constante remodelação.



## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- ILLICH, Ivan. A expropriação da saúde: nêmesis da medicina. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- ORTEGA, Francisco. Biopolítica e subjetivação. São Paulo: Loyola, 2021.
- GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e beleza. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2023.
- EDMOND, Charlotte. The global rise of cosmetic procedures. *The Lancet*, v. 403, n. 10399, p. 125–127, jan. 2024.
- SANTOS, Lia B. A beleza como norma: estética, subjetividade e neoliberalismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 1–17, 2023.
- BRASIL. Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM nº 2.324/2022. Estabelece normas éticas para a realização de procedimentos estéticos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2022.
- LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. 9. ed. São Paulo: Manole, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. Corpo e modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.